

## A PRODUÇÃO TEXTUAL ESCRITA: ASPECTOS INTERATIVO-DISCURSIVOS

*Alba Maria Perfeito*  
UEL

A preocupação com o processo de construção textual escrita tem sido motivo de estudos, através de diferentes abordagens, de psicólogos cognitivistas, psicolinguistas, psicopedagogos e linguistas, sobretudo. Priorizaremos, neste artigo, por opção teórica, uma reflexão a respeito de aspectos interativo-discursivos, envolvidos nesse processo, dando ênfase à relação sujeito/linguagem.

Levando em conta a escrita como um processo interlocutivo de construção de sentido e de ampliação de constituição do sujeito (Geraldi 1996), consideramos, por conseguinte, que o produtor de textos deva ser concebido como um sujeito-enunciador do seu discurso “para não incorrer na mera reprodução das idéias propostas por outros, na mera aplicação de técnicas de redação e no uso irrefletido de formas lingüísticas” (Silva 1997: 100).

Para Teberosky (1995), ao se considerar as crianças como produtoras de texto, espera-se que tenham a possibilidade de usar a escrita na elaboração de textos. E produzir textos deve ser analisado em termos de geração de idéias; do modo de colocá-las em palavras e do aspecto técnico: a correspondência fonográfica, a ortografia, a disposição na página, a pontuação e a caligrafia.

A elaboração de um texto como *colocação em palavras* é compartilhada por Jolibert (1994) que, ao citar Michel Fayot, postula que, a respeito desse processo, todos os modelos explicativos convergem, ao enfatizarem as

<b>Signum</b>	Estudos da Linguagem	<b>1</b>	1998	113-120
---------------	----------------------	----------	------	---------

operações de planejamento textual. Planejar uma produção textual escrita significa, para Fayot, levar em conta:

- *o destinatário e o objetivo* da elaboração do texto (macroplanejamento) e a sua organização, que tem o propósito de levar o texto à sua forma final (microplanejamento);
- *a textualização*, que são os processos colocados em ação, para dar coerência e coesão ao texto;
- *a revisão do texto* (ou releitura), através da capacidade de distanciamento do autor em relação à sua produção escrita. (Jolibert 1994: 24-25)

Ressaltando, também, a idéia do planejamento e de reescrita nos textos escritos, Teberosky (1997: 25) faz a seguinte colocação:

- as produções escritas têm rascunhos (na linguagem oral é impossível porque não se pode separar a enunciação do enunciado);
- a possibilidade de rascunhos permite um planejamento prévio;
- pode-se retomar o produto, o texto, para repetir o próprio processo de elaboração;
- essa retomada implica um misto de produção e reprodução, de citação e de atividade intertextual e, em geral, de língua e metalinguagem, de texto e interpretação ou julgamento sobre o texto.
- como as produções escritas costumam ser solitárias, tanto a correção quanto o planejamento supõem

- o desdobramento por parte do locutor, na posição de produtor e avaliador do próprio texto;
- e como o **corpus** de motivos e gêneros costuma se repetir, a escrita é a leitura de outra escrita, anulando-se, assim, a distância entre leitura e escrita.

Os autores relacionados não mencionam, no entanto, a relação sujeito/linguagem, no processo de construção de textos escritos. Poderíamos acrescentar, então, que, nesse processo, o escritor mobilizando os *modos de cultura de linguagem*, nos quais está imerso, através da seleção e combinação dos gêneros discursivos e dos recursos lingüísticos, num movimento de retomada-modificação, amplia sua constituição, enquanto sujeito.

E o sujeito, de acordo com Bakhtin (1988; 1992), se constitui através da audição e da assimilação das palavras e do discurso do outro. Portanto, enredado em seu meio social, o sujeito é permeado e constituído pelos discursos circundantes e, instaurando-se na e pela linguagem, constrói uma linguagem que não é só para si, que não é apenas sua, mas de seu grupo social, através das interações familiares, com seu grupo profissional e de amigos, com os meios de comunicação de massas, com suas leituras, etc.

Também, para Bakhtin (1992), o caráter e os modos de emprego da linguagem variam tanto quanto as próprias áreas de atividades humanas. Tal emprego se concretiza por meio de enunciados que emergem de cada uma dessas atividades. Todo enunciado, considerado isoladamente, é individual, porém toda área de uso lingüístico cria seus tipos relativamente estáveis através dele. A isso, Bakhtin

<b>Signum</b>	Estudos da Linguagem	<b>1</b>	1998	113-120
---------------	----------------------	----------	------	---------

atribuiu o nome de gêneros do discurso. Os gêneros do discurso, assim, são considerados os padrões de construção composicional de um todo verbal. A escolha dos recursos lingüísticos e dos gêneros discursivos é determinada pelos problemas de realização que o sentido implica para o sujeito.

Afirmando a impossibilidade de definir uma tipologia de gêneros, Bakhtin coloca o que considera a diferença essencial entre eles: a existência do *gênero do discurso primário* (do cotidiano, mais simples) e do *discurso secundário* (que aparece em circunstâncias de uma comunicação social mais complexa e relativamente mais evoluída: a artística, a científica, a sócio-política, a escrita).

Ao selecionar e combinar determinados gêneros discursivos, de acordo com os interlocutores, a esfera de atividades em que são realizados e a relação valorativa com o objeto de sentido, o falante/escritor escolhe, também, os recursos lexicais e gramaticais. Através de sua expressividade, o indivíduo retoma e modifica a fala dos outros.

O sujeito do discurso ocupa, ainda, posições (lugares sociais), de acordo com os papéis sociais assumidos, ao produzir seus textos, em determinadas áreas de atividades humanas.

De acordo com François (1996), os lugares discursivos podem ser classificados em três níveis: o *nível de pretensão à universalidade lingüística*, que traz, em seu bojo, a idéia de que os locutores sejam simplesmente substituíveis; o *nível de papéis diferenciados*, que opõem homens e mulheres, dominantes e dominados, adultos e crianças, ou seja, os papéis contrastivos da linguagem; e, finalmente, o terceiro nível que altera os dois anteriores: o fato de os

<b>Signum</b>	Estudos da Linguagem	<b>1</b>	1998	113-120
---------------	----------------------	----------	------	---------

papéis impostos poderem ser modificados “por modos de desempenhá-los que impedem conceber as trocas do discurso como simplesmente impostas pelas situações sociais” (François 1996: 23)

Priorizar a questão do sujeito e a relação do autor dos textos com o *outro*, no processo de elaboração textual, é a preocupação de Geraldi (1991, 1996a/b). Para esse autor, produzir textos (orais e escritos) é sempre um trabalho conjunto locutor-alocutário(s) e, mesmo que materialmente seja levado a efeito por um indivíduo, “revela um movimento contínuo e recursivo entre inter-intra-inter-individual” (1996a :137). Segundo Geraldi, inclusive, para construir um texto, em qualquer modalidade, é necessário que o produtor de textos assuma-se como locutor, numa relação interlocutiva. Isto implica que ele tenha *o que dizer, uma razão e estratégias para o dizer*, supondo os interlocutores *para quem dizer* (1991: 137). Reportando-se ao texto escrito, Geraldi coloca que:

um texto é uma seqüência verbal escrita coerente formando um todo acabado, definitivo e publicado: onde publicado não quer dizer “lançado por uma editora”, mas simplesmente dado a público, isto é, cumprindo sua finalidade de ser lido, o que demanda o outro; a destinação de um texto é a sua leitura pelo outro, imaginário ou real; a publicação de um texto poderia ser considerado uma característica acessória, entendendo-se que um texto não publicado não deixa de ser um texto. No entanto, o sentido que se quer dar aqui a publicado é o sentido de destinação a, já que um autor isolado, para quem o outro inexista, não produz textos. (1991: 100)

O autor, pois, enfatiza a interlocução, também, no processo de construção de textos, escritos. É para o *outro*

<b>Signum</b>	Estudos da Linguagem	1	1998	113-120
---------------	----------------------	---	------	---------

que o texto é produzido e este *outro* não é constituído apenas no processo de construção de sentidos na leitura, mas está inserido na própria produção, como condição necessária para a existência do texto.

Então, de acordo com esse estudioso, o texto, enquanto seqüência verbal escrita, coerente, formando um todo definitivo, tendo o *outro* como destinatário, é constituído através da relação entre *eu* e em *tu*, opera com elementos que, sozinhos, não são suficientes para produzir um sentido fixo; tem um significado, que se realiza na produção e na leitura, resultante das variadas possibilidades estratégicas de interpretação, compartilhadas por uma comunidade lingüística, à qual recorrem tanto o autor como leitor.

Nesse sentido, devemos observar que diferentes áreas de atividades humanas operam com diferentes modos de produção e compreensão de textos. Além do mais, que as comunidades lingüísticas são heterogêneas e, portanto, nela debatem-se tanto diferentes visões de mundo, quanto diferentes usos de linguagem.

Para concluir, gostaríamos de atentar, através de enfoques dos diversos teóricos arrolados, para a necessidade de que sejam propiciadas nos cursos universitários que formam professores de línguas e, mais especificamente, de língua materna, condições de se refletir acerca do processo de elaboração textual escrita (com toda a complexidade de um gênero discursivo secundário), envolvendo os aspectos de *interlocução*; da *heterogeneidade do sujeito* em relação aos seus *lugares discursivos* e às *esferas de atividades humanas*, onde o texto é produzido; além da *motivação interna* para essa produção; dos *modos/estratégias* para construí-la; da designação de partilha de referências, e significações,

<b>Signum</b>	Estudos da Linguagem	<b>1</b>	1998	113-120
---------------	----------------------	----------	------	---------

através das noções de *coerência e coesão*; como também, do *planejamento* e da *reescrita*. Aspectos esses, em conjunto, que consideramos criadores de espaço para manifestação e ampliação da subjetividade, como produtora de significado, no processo da escrita.

Reflexões dessa natureza, certamente, poderiam contribuir para evitar que continuasse ocorrendo, nas escolas de 1º e 2º graus, a ainda grande influência da psicologia behaviorista e do estruturalismo, concretizada pelo ensino de técnicas de redação e de formas lingüísticas adequadas, sob a aparência de “métodos modernos”, gerando a existência de produtores de textos escritos assujeitados, repetitivos, monológicos, sem voz, conforme pesquisa realizada por Silva (1997), com o objetivo de investigar quais as concepções teóricas que sustentam, atualmente, a prática de produção textual nas salas de aula.

#### Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 4ª ed. Trad. de Michel Lahud e Yara Frateshi Pereira. São Paulo: Hucitec, 1988
- . *Estética da criação verbal*. Trad. de Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FRANÇOIS, Frédéric. *Práticas do oral*. Trad. de Lélia Erbolato Melo. São Paulo: Pró-Fono, 1996.
- GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- . *Linguagem e ensino: Exercícios de militância e divulgação*. Campinas: Mercado de Letras, 1996a.

<b>Signum</b>	Estudos da Linguagem	<b>1</b>	1998	113-120
---------------	----------------------	----------	------	---------

- , “Convívio paradoxal com o ensino da leitura e escrita” *Cadernos de estudos lingüísticos* (jul/dez. 1996b): 127-44.
- JOLIBERT, Josette. *Formando crianças produtoras de textos*. Trad. de Walkiria M. F. Settineri e Bruno Charle Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- SILVA, Luciana Brandão. “A escrita em questão: concepções teóricas e sala de aula”. *Anais de seminários de XLII GEL*. Campinas: Unicamp, 1997. 100-05.
- TEBEROSKY, Ana. *Aprendendo a escrever: Perspectiva psicológicas e implicações educacio-nais*. Trad. de Cláudia Shilling. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1995.
- , “Compor textos”. *Além da alfabetização: a aprendizagem fonológica, ortográfica, textual e matemática*. Org. de Ana Teberosky e Liliana Tolchinsky. São Paulo: Ática, 1997. 85-115.

<b>Signum</b>	Estudos da Linguagem	<b>1</b>	1998	113-120
---------------	----------------------	----------	------	---------